

OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA FALA E NA ESCRITA

Konstanze Jungbluth

Abstract

The aim of this paper is to propose a system of the demonstrative pronouns in Brazilian Portuguese within the broader context of the other Romance languages. The results of the qualitative research show important differences between the spoken and the written variety. Thus a double-faced systematization is developed. The multi-faceted process of reduction and re-establishment from two- to three-terms-paradigms and vice-versa from Latin to neo-latin languages, esp. from Portuguese to Brazilian Portuguese might be of interest not only for linguists working on Romance Languages but also for those interested in typology, language change and processes of grammaticalization.

Key words: Pragmatics, pronouns, romance languages, language variation.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, descrevo o uso dos pronomes demonstrativos do português brasileiro em comparação com outras línguas românicas. Mostrarei que o sistema brasileiro, ao usar só dois pronomes, faz aumentar a frequência dos advérbios de lugar combinados com pronomes demonstrativos. Dessa maneira, a língua brasileira, na fala, evidencia estar a caminho de um uso quase obrigatório de demonstrativo-advérbio, que é semelhante ao processo por que passou a língua francesa.

O artigo está estruturado em oito partes. Primeiro o leitor encontra um quadro dos pronomes demonstrativos em diferentes línguas românicas descendentes do latim. Segundo pergunta-se se os falantes do Brasil usam dois ou três termos atualmente. Na terceira parte segue uma primeira interpretação do sistema brasileiro (Guirardello/Meira, 1999). Comparando-o

ao russo, ao italiano e ao ewe, focaliza-se o uso exofórico. A quarta parte apresenta os dados para os diferentes usos dos pronomes demonstrativos na fala. Na quinta parte contrasta-se o português europeu com o português brasileiro (Carvalho, 1976). O sistema brasileiro compara-se ao sistema do espanhol, do finlandês e do japonês. Na sexta parte centraliza-se o uso na escrita fazendo referência a um recente estudo brasileiro (Cavalcante, 2000). A sétima parte discute se o sistema do português brasileiro deve ser descrito como dois sistemas: um usado na fala e outro usado na escrita. Na oitava parte as diferentes argumentações são combinadas, avaliadas e resumidas.

1. EVOLUÇÃO DO SISTEMA DEMONSTRATIVO LATINO ATÉ AS LÍNGUAS NEOLATINAS

O sistema demonstrativo em latim *HIC* – *ISTE* – *ILLE* não tem continuidade material inalterada em nenhuma língua românica moderna. Todos os três termos são objeto de mudança. Primeiro, *ILLE*: a primazia dos gêneros textuais jurídicos contribui especialmente para uma fixação do uso de formas das quais finalmente nasceu o artigo nas línguas neolatinas (Raible, 1985; Selig, 1992). Essa reinterpretação afeta sobretudo *ILLE*, que se converte dessa maneira em artigo definido na maioria das línguas neo-românicas. Segundo, *IPSE*: nas línguas catalã e sarda, *IPSE* converteu-se em artigo definido. Por outro lado as línguas portuguesa (pg.) e espanhola (es.) e, a princípio, também a italiana (it.) restabelecem o sistema ternário dos demonstrativos, alocando *IPSE* como termo intermediário e de segunda pessoa entre os outros dois termos: *IPSE* > pg. *esse*, es. *ese*, it. *codesto*¹. *ISTE* > pg. *este*, es. *este*, it. *questo* converte-se em termo de primeira pessoa ou termo “perto”. Através de afixação duma partícula de reforço, chega-se a: *ECCU*+ *ILLE* > pg. *aquele*, es. *aque*, it. *quello* para o termo da terceira pessoa, ou termo “longe” (veja discussão abaixo 2.0.). As línguas francesa e romena seguem com um sistema binário.

Focalizando *HIC*, pode-se partir da tese de que o sistema ternário latino se empobrece já em tempos latinos e se torna binário com os elementos *ISTE* e *ILLE*, deixando *HIC* só como um nicho da língua escrita (veja o uso do *este* no português brasileiro, §5 abaixo). Assim, o sistema

¹ *Eccu ti istu* > *codesto* (Lausberg, 1972, vol. III: 145).

é reinterpretado mediante os parâmetros de distância perto vs. longe. Com Lüdtke (2000), deve-se rejeitar a idéia estruturalista muito repetida, segundo a qual os pronomes de primeira e segunda pessoas trocaram-se diretamente sem passar por uma face intermediária. A reestruturação não se limita ao paradigma dos demonstrativos, e precisa de séculos para chegar a uma certa estabilidade. Deve-se levar em conta também outros processos que afetam os termos *IS-EA-ID*. O desuso dessas formas, depois do primeiro século d.C., deixa mais espaço para as formas *IPSE*, sobretudo em contextos anafóricos. *IPSE* é usado quando se repete o mesmo substantivo. *HIC*, e mais tarde *ISTE*, é usado quando se refere ao mesmo conteúdo, mas com outro substantivo. O restabelecimento do sistema ternário do latim clássico toma como base o ouvinte, e assim enriquece o sistema binário *ISTE – ILLE* com o elemento *IPSE*. O cientista francês Paul Teyssier formula uma hipótese da seguinte maneira:

D'autres contextes font comprendre selon quel processus *esse*, d'abord anaphorique, a pu devenir ainsi le déictique de la seconde personne: il suffit que dans un dialogue un locuteur emploie un *esse* anaphorique à propos d'un sujet mentionné auparavant par son allocutaire. (Teyssier, 1981: 12)

Se o leitor segue essa argumentação, que desfralda o processo do latim ao sistema ibero-românico não como uma tradição inalterada mas como uma seqüência de dois processos – um de redução e outro de aumento -, significa que as teorias sobre mudança lingüística também devem ser repensadas. Não se trata de processos unilaterais, mas de processos multilaterais, que podem se entrelaçar, que giram para frente e para trás, que podem se repetir em outros tempos ou em outros níveis (Schlieben-Lange, 1996).

2. OS DEMONSTRATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NO CONTEXTO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Deixamos aqui essa discussão sobre os processos gramaticais unidirecionais ou recíprocos para outra ocasião, e atualizamos, em uma tabela, os nossos conhecimentos sobre os diferentes inventários dos pronomes demonstrativos nas línguas neolatinas:

Latim	hic	(eccu) iste	ipse	(eccu) ille
Português (PE)		este	esse	aquela
Espanhol		este	ese	aquel
Catalão		aquest / aqueix		aquell
Italiano		questo		quello
<u>Romeno</u>		<u>acest</u>		<u>acel</u>
<u>Francês</u>		<u>ce/celui-ci</u>		<u>ce/celui-la</u>

Quadro 1: Os termos demonstrativos das línguas neolatinas

As gramáticas tradicionais, com base nas gramáticas latinas e gregas, relacionam os pronomes demonstrativos às pessoas gramaticais. Esse conceito não é transmitido ao longo do desenvolvimento das diferentes línguas românicas. Por isso não se deve considerar que as pessoas gramaticais e os pronomes demonstrativos apresentam uma ligação obrigatória, como veremos a seguir. A reinterpretação do sistema com referência à distância conduz aos parâmetros *perto* versus *longe*. Há indicações que levam a pensar que o sistema brasileiro é um sistema binário (Câmara, 1971; Castilho, 1993; Teyssier, 1976).

Dans le portugais parlé du Brésil, on observe une tendance à confondre este et esse. Cette confusion se trouve chez les écrivains dont le style s'efforce d'imiter le langage spontané, en général au profit de esse. Dans l'ex. suivant isso est associé à aqui dans un contexte où il faudrait normalement isto :

« Outro dia isso aqui era um brejo, um agreste de espinhos, agora tá (=está) que nem uma cidade » (Jorge Amado – *Pastores*, p. 292) (...)

Ainsi naît un système nouveau de type binaire :

esse (este)	aquela
----------------	--------

(Teyssier, 1976: 114-115)

Quadro 2: O sistema binário do português brasileiro segundo Teyssier (1976)

Não só lingüistas estrangeiros acham isso. Também os brasileiros descrevem processos nessa direção. Mattoso Câmara formula uma pergunta programática:

Uma evolução em marcha: a relação entre *êste* e *êsse* (Câmara, 1971: 327).

Como deve ser descrito o sistema do português brasileiro?

Português brasileiro	este	esse	aquele
Português brasileiro	este / esse		aquele
Português brasileiro	esse		aquele

Quadro 3: Como deve ser descrito o sistema do português brasileiro?

A motivação dessa contribuição consiste na busca de uma resposta adequada a essa questão.

3. SISTEMATIZAÇÃO TRADICIONAL E NOVAS PROPOSTAS

A interpretação tradicional coloca os pronomes demonstrativos em paralelo com as três pessoas verbais²:

Pronomes pessoais	1. ^a pessoa: eu	2. ^a pessoa: tú	3. ^a pessoa: ele, ela/você
Pronomes demonstrativos	este, esta, isto	esse, essa, isso	aquele, aquela, aquilo

Quadro 4: A sistematização tradicional

Novas propostas reinterpretam as pessoas gramaticais focalizando os papéis que tomam no momento do diálogo. A primeira pessoa é o falante, a segunda pessoa o interlocutor. Como uma função básica dos pronomes

² “Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.” (Bechara, 2001: 167).

demonstrativos consiste em estabelecer uma relação com o objeto presente no contexto extralingüístico, chamada referência exofórica, combinam-se além disso os parâmetros da distância e da visibilidade. Os sistemas demonstrativos nas línguas em geral se diferenciam sobretudo por esses parâmetros:

Ancoragem	no falante	no interlocutor	no falante e no interlocutor	em outro lugar
Distância	Próxima	média	distante/longe	muito longe
Visibilidade	Visível	não visível		

Quadro 5: Os possíveis parâmetros dos demonstrativos em nível universal (Wilkins, 1999a)

O termo ‘ancoragem’ estabeleceu-se quando trabalhávamos o tema da dêixis, por provocar a idéia de correlação. De acordo com esta idéia, a âncora significa o ponto de partida ou o centro da perspectiva (veja “origo” Bühler, 1934). A primeira linha retoma até certo ponto a velha idéia da primeira e segunda pessoas, enquanto o parâmetro da ancoragem focaliza a origem (ORIGO) da relação. A diferença entre o quadro 4 e o quadro 5 dá a entender que as gramáticas tradicionais põem em paralelo as pessoas gramaticais com os demonstrativos, enquanto as propostas novas insistem nas relações relevantes da situação comunicativa.

O conceito da ancoragem está sendo desenvolvido por um grupo internacional no Instituto Max-Planck, na Holanda, na área da psicolingüística. Eles comparam diferentes línguas para aprofundar a nossa compreensão sobre todas as possibilidades de situar coisas e pessoas existentes em cada língua. Enquanto muitos estudiosos de tipologia discutem se o sistema binário é o mais básico e se se diferencia sobretudo pelo parâmetro da distância, considerando o falante como fixo (veja mais em Himmelmann 1997, Diessel 1999), a comparação entre as línguas ewe, italiana, yukatek, holandesa, russa e brasileira leva a outros resultados, embora ainda provisórios.

Referência exofórica	
Combinação dos parâmetros	Línguas
Ancoragem no falante próximo vs. Ancoragem no falante distante	ewe, italiano, yukatek
Ancoragem no falante próximo vs. “neutro”	holandês, inglês
“Neutro” vs. ancoragem no falante distante	russo
Ancoragem no falante e no interlocutor próximo vs. ancoragem no falante e no interlocutor distante	português brasileiro

Quadro 6: Referência exofórica em italiano, inglês, yukatek, ewe, holandês, russo e português brasileiro (Wilkins, 1999)

O caso do português brasileiro parece único: uma base no falante e no interlocutor como ponto de referência não se encontra em nenhuma outra língua citada nos exemplos. Além disso, é interessante constatar, em nosso contexto, que os pesquisadores não levam em consideração a forma *este*. Eles estão convencidos de que os brasileiros, fazendo uma referência exofórica, só usam duas formas: *esse* e *aquele*. Esse sistema básico da fala se enriquece com os advérbios como veremos em seguida.

4. O USO DOS DEMONSTRATIVOS NA FALA: NOVOS DADOS

4.1. PERTO, MÉDIO E LONGE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O estudo de situações de localização, que incluem a possibilidade de fazer uma tríplex diferenciação, mostra que o termo *este* não é usado:

Motorista (m, 4050)	Esses e esses aí (30 sec.) e aquele prédio lá no fundo.	SP 2403
Homem (m, 6070)	Esse aqui, esse aí e aquele prato lá.	TA 1504 ¹

³ As siglas e números entre parentesis, por ex. (m, 4050), devem ser interpretados como «masculino, entre 40 e 50 anos da idade»; (SP 2403) deve ser lido como «São Paulo, 24 de Março». As últimas abreviações representam o lugar e o dia da coleta dos dados: RE «Recife»; TA «Tamandaré», BR «Brasília» etc. (Veja «Dados» adiante).

Realmente, em todas as regiões brasileiras, o termo *este* é pouco usado na fala, mas não é verdade que tenha desaparecido totalmente. Citamos adiante alguns dados que exemplificam o uso ainda vivo da forma *este* que, na opinião de muitos pesquisadores (p.ex.. Guirardello/Meira), está a caminho da extinção. Há ainda um nicho para ele: muitas vezes o contexto dá a entender um uso enfático, por exemplo, quando o ambiente acústico dificulta o entendimento por parte do ouvinte e por isso o discurso é repetido, usando-se, no segundo caso, *este* em lugar do *esse*. Uma situação semelhante é a correção de uma referência errônea da parte do ouvinte:

Homem (m, 3040)	Que prédio? Esse?	
Motorista (M, 5060)	Não, este!	RE 0404

Dados 4: *Este* como um meio de correção.

Alem disso o contato direto com os objetos parece reforçar o uso de *este* sem conotações de ênfase:

Mulher (f, 4050)	Faço chegar esta linha ao computador. (Ela toca o telefone quando diz „esta“)	BR 0304
Guia (m, 2030)	Esta rua se chama Ladeira de São Francisco. (nós estamos caminhando sobre essa rua.)	RE 1204

Dados 5: *Este* quando há contato direto com a coisa referida por parte do falante.

Esses dados mostram que o termo *este* do paradigma dos demonstrativos brasileiros se restringiu, por um lado, ao uso da ênfase, do contraste e da precisão e, por outro lado, à designação de uma região próxima num sentido muito delimitado, deixando os outros usos exofóricos, o uso anafórico e dêitico em geral para os termos *esse* e *aquele*. No quadro seguinte, as caixas que representam o uso do termo *este* no português brasileiro são destacadas:

Pragmatics			
<i>Use</i>	<i>Reference</i>		
exophoric	(i) <i>Emphasis</i>	(ii) <i>Contrast</i>	(iii) <i>Precision</i>
Anaphoric	Emphatic	contrastive	Precise
discourse deictic	Non-emphatic	non-contrastive	Vague
Recognitional			

Quadro 8: Os usos pragmáticos dos dêiticos em geral (Diessel, 1999: 51, Table 36)

O quase desaparecimento do termo *este* do paradigma brasileiro não apóia a interpretação tradicional (ver Quadro 4). Em contraste com o espanhol, que até hoje usa os três demonstrativos com uma frequência elevada na fala e na escrita (veja Jungbluth 2001, 2003 e em preparação), pode-se observar no português brasileiro o uso elevado de combinações com os advérbios *aqui*, *aí*, e *lá* (dados 1), o que leva a pensar em uma mudança semelhante à do francês. Os advérbios de lugar são chamados também demonstrativos por Fillmore (1983) e Diessel (1999). Assim, novamente, se restabelece o sistema com os termos *esse (aqui) – esse aí – aquele (lá)*. Vejam-se os resultados em forma de tabela.

Latim	(ECCE) HIC/ISTE	IBI/IPSE	ILLAC/(ECCU) ILLE
Espanhol	este	ese	aquel
Francês	ce<celui-ci		ce<celui-là
P.Brasileiro	esse<esse (aqui)	esse<esse aí	aquele<aquele (lá)

Quadro 9: Evolução do latim até o português brasileiro, comparada com o francês e o espanhol

4.3. DENTRO E FORA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

O contraste mais forte situa-se entre a área estabelecida pelo falante e o interlocutor, por motivo da conversa (*inside*), e a área externa (*outside*). Referindo-se ao sistema espanhol, Langacker propõe:

In contrast to the shared space extended between the speaker and the hearer, which is addressed by *este*, the outside space is referred to by *aquel*. This outside space is negatively defined in contrast to the inside-space and is conceptualized as endless (Langacker, 1990: 52).

A área externa pode abarcar áreas presentes e absentes. Enquanto as primeiras podem ser visíveis por um dos participantes, as últimas são idênticas com uma área invisível. Uma perspectiva mais antropológica chama o mesmo contraste *logocentric* em oposição ao *exocentric*.

This suggests that the primary opposition is not between the egocentric and the nonegocentric, but between what we may call the logocentric (speech-oriented, within the deictic bound uniting speaker and addressee) and the exocentric (oriented to the outside world, where the nonparticipant belongs) (Sternberg, 1983: 284)

Eu insisto no conceito da díade que abarca o falante e o ouvinte, que apresentam em comum apenas a origem (ORIGO) da conversação.

The dyad of conversation is established by the speaker and the hearer while talking with one another. (Jungbluth, 2003: 13)

The importance of the distinction between the different relative positions which hearer and speaker can occupy while talking to each other must be emphasized. [...] Space is not always conceptualized in the same way. People looking at one another (e.g. face a face) contrast the *inside* and the *outside* space. The inside space ends with the bodies of the speaker and the hearer(s) and is closed relative to the outside world in a natural way. They may establish further subregions, but they also may not.

In side-by-side conversation (e.g. lado a lado) three regions are subsequently differentiated: the *proximal* one [...], the *medial* one [...] and the *distal* one [...] (Jungbluth 2003:27, parêntesis adicionados).

Enquanto o falante e o ouvinte encontram-se face a face nas situações relatadas em 4.3. (dentro *versus* fora), eles encontram-se lado a lado no caso dos dados recolhidos em 4.1. (perto – médio – longe). Comunicando em um espaço real, as pessoas não têm dúvidas e usam os mesmos termos da maneira respectiva. Comparando o sistema herdado do português europeu com o sistema brasileiro, a pesquisadora reconhece que o novo sistema representa com mais clareza ainda os contrastes inerentes do sistema que têm um caráter universal.

5. O SISTEMA DOS DEMONSTRATIVOS NO PORTUGUÊS EUROPEU E NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Herculano Carvalho fez, em 1976, um estudo sobre os demonstrativos e os advérbios de lugar do português europeu (Quadro 11). Ele

aponta diferenças que se devem situar no nível universal da linguagem. Observa como os termos portugueses exprimem esse sistema. Nem todas as línguas usam os mesmos meios para a designação das diferentes áreas. Por exemplo, o paradigma alemão, na interpretação do Ehrich (1992), deixa implícita a primeira área compartilhada pelos dois participantes da conversa. O paradigma \emptyset – *hier* – *da* – *dort* refere-se ao dentro, ao lado do falante, ao lado do ouvinte, e ao lado de fora, respectivamente.

Unsere Sprachen sind Gebilde aus Redundanz und Defizienz. Die differenzierten Demonstrativpronomen des Spanischen, des Italienischen geben uns oft eine zur außersprachlichen Situation, zum sprachlichen Kontext redundante Information. Das französische Einheits-*ce* gibt uns oft eine defiziente Information. Man repariert diese Defizienz, indem man die Demonstrativadverbien zu Hilfe nimmt: *ce livre-ci*, *ce livre-là*, *celui-ci*, *celui-là*. Was wir mit unseren Worten geben, ist zusätzliches Wissen. Unsere Sprachen sind Instrumente variabler supplementärer Information. Die sprachliche Information bezieht sich auf die außersprachliche Situation, die sie anspricht und dadurch mit in die Information hineinnimmt, auch ohne sie umständlich zu beschreiben (Wandruszka 1969:303-304).

As nossas línguas são conglomerados caracterizados por redundância e deficiência. Os pronomes demonstrativos do espanhol, do italiano oferecem muitas vezes uma informação redundante em combinação com a situação extralingüística e o contexto lingüístico. O *ce* uniforme do francês dá uma informação deficiente. Essa deficiência é reparada usando-se os advérbios demonstrativos: *ce livre-ci*, *ce livre-là*, *celui-ci*, *celui-là*.

Isso que se dá através das palavras é o conhecimento suplementar. As nossas línguas são instrumentos de informação variável e suplementar. A informação lingüística está relacionada com a situação extra-lingüística. A primeira se refere à última, e dessa maneira a inclui, sem descrevê-la detalhadamente. (tradução para o português K.J.).

O próximo quadro mostra as diferentes áreas possíveis de nível universal e compara o uso dos pronomes demonstrativos e advérbios demonstrativos do português europeu e português brasileiro. O que foi dito por Wandruszka sobre o francês parece poder aplicar-se também ao caso do português brasileiro:

oposições universais		dentro	ao lado do falante	ao lado do ouvinte	fora
descrição apud Carvalho		aqui onde estamos eu e tu	aqui onde eu estou e tu não estás	aí onde tú estás e eu não estou	aquela árvore onde não estamos nem eu nem tú. ³
PE (Carvalho 1976)	Dem.	este	este	esse	aquele
PORTUGUÊS EUROPEU	Adv.	aqui	aqui	aí	lá
PORTUGUÊS BRASILEIRO (Jungbluth 2003:37 nota de rodapé 8, Jungbluth em prep.)	Dem.+Adv.	esse	esse aqui	esse aí	aquele

Quadro 10: Os demonstrativos do português brasileiro em comparação com os demonstrativos do português europeu

A possibilidade de combinar o demonstrativo e o advérbio oscila entre uma quase obrigatoriedade no caso do *esse aí* e uma co-ocorrência mais livre no caso de *aquele lá*. O sintagma típico das três áreas diferenciadas (Dados 1) que estabelece o espaço em termos universais⁷ favorece esse uso pelo fato de o substantivo (e mais material lingüístico) aparecer intercalado entre o último termo demonstrativo *aquele* e o advérbio *lá*. Esse último termo funciona, ao mesmo tempo, como partícula da segmentação que sinaliza o fim da frase (ver discursivização de *lá* em Martelotta/Regô, 1996). A meu ver, essa dupla função evita mais uma vez a fusão entre *aquele* e *lá*. No caso da fusão entre *esse* e *aí*, parece que só a convenção arcaizante

6 'the tree over there', i.e. that tree placed in a spot which does not belong to the área including both you and me.

7 É possível que as três áreas em sequência estabeleçam o espaço no nível universal: «In fact, any time one asks an Arrernte consultant to choose things in the visible environment to exemplify how one would use *nenhe* vs. *yanhe* vs. *nahkwe*, they regularly choose similar objects (say rocks or bushes or people), and then use *nenhe* for an object within the interactional space, *yanhe* for an object further away, but, within home-range and *nahkwe* for an object that is at the farthest end of visible space, typically just within the horizon.» (Wilkins, 1999: 18).

faz com que se escrevam as duas partes separadas. Isso ofusca a evolução quase completa no nível da fala, onde não se realiza separação nenhuma.

O contraste mais forte existe entre a área estabelecida pelo falante e o interlocutor, por motivo da conversa (*inside*), e a área externa. A área compartilhada, por sua vez, pode ser dividida, estabelecendo dessa maneira uma área do falante (*speaker-side*) e outra do interlocutor (*hearer-side*).

	I n s i d e		O u t s i d e
Português Brasileiro	<i>esse</i>		<i>aquele (lá)</i>
	<i>S p e a k e r - s i d e</i>	<i>H e a r e r - s i d e</i>	
	<i>esse aqui</i>	<i>esse aí</i>	

Quadro 11: O sistema dos demonstrativos do português brasileiro apoiado no espaço diádico da conversação face a face (Jungbluth)

Compare-se essa sistematização com outras línguas de três termos (conversação face a face)

	I n s i d e		O u t s i d e
Espanhol	este		aquele
	<i>S p e a k e r - s i d e</i>	<i>H e a r e r - s i d e</i>	
	este	ese	
	I n s i d e		O u t s i d e
Finlandês	tämä		tuo
	<i>S p e a k e r - s i d e</i>	<i>H e a r e r - s i d e</i>	
	tämä	se	
	I n s i d e		O u t s i d e
Japonês	kono		ano
	<i>S p e a k e r - s i d e</i>	<i>H e a r e r - s i d e</i>	
	kono	sono	

Quadro 12: As oposições universais no português brasileiro em comparação com o espanhol, o finlandês e o japonês (Jungbluth, no prelo)

Enquanto essas línguas usam o mesmo termo para se referirem às regiões “dentro” e “ao lado do falante”, o português brasileiro muitas vezes faz uma nítida diferenciação, usando *esse* para se referir a “dentro”, compartilhado pelo falante e o ouvinte, e *esse aqui* para opor a região do falante à região do ouvinte.

6. O USO DOS DEMONSTRATIVOS NA ESCRITA BRASILEIRA

Na fala o sistema brasileiro usa, em geral, só os termos *esse* e *aquele*. Por causa do ensino com padrões portugueses europeus, muitas pessoas têm dúvida de quais são as formas próprias que devem ser usadas. Cavalcante (2000) mostra que a maior parte dos autores usam só duas formas seja *esse* – *aquele* seja *este* – *aquele*. Essa variação idiossincrática de só dois termos mostra que os brasileiros não têm uma intuição da língua materna para o uso de três termos.

Um nicho do uso do termo *este* na escrita é a sua função catafórica anunciando um discurso a seguir. Outro uso é o contraste binário retomando dois conceitos previamente mencionados. O sentido do “mencionado em último lugar na frase precedente” é também obrigatoriamente codificado por *este* em oposição a “mencionado em primeiro lugar na frase precedente” codificado por *aquele*. Nesse caso a distância dentro do texto é interpretada da mesma maneira que a distância temporal. O mais distante é *aquele*; o mais perto é *este*. Finalmente, na correspondência, o uso parece também bastante arcaizante. À cidade do remetente, refere-se com *esta* (*cidade*); à cidade do destinatário, refere-se com *essa*.

A pesquisa de Cavalcante elucida também os processos envolvidos em tempos de mudança lingüística. Aumentando o paradigma dos demonstrativos pelos paradigmas vizinho dos artigos e dos advérbios, ela lembra o parâmetro da força dêitica.

Por causa do uso como pronome da pessoa ILLE perde a sua força demonstrativa.

Durch die Verwendung als Personalpronomen verliert ILLE an demonstrativer Kraft. (Lausberg, vol. 3, 1972: 143)

Ela dinamiza o velho conceito introduzindo graus de deiticidade. Numa escala de diferentes graus de deiticidade, os demonstrativos podem descer, tornando-se artigos definidos. Os advérbios de lugar, ou advérbios demonstrativos, trazem também consigo a possibilidade de descer na escala. Nesse caso, combinam-se mais ou menos obrigatoriamente com os demonstrativos. Essa evolução reinterpreta o sistema tradicional português mudando os termos com novas ancoragens em português brasileiro (Quadro 11).

7. OS DOIS SISTEMAS DOS DEMONSTRATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA FALA E NA ESCRITA

“A evolução em marcha” (Mattosos Câmara, 1971) no Brasil ainda não está acabada. Nos tempos modernos, com um alto grau de escolaridade, e conseqüentemente de letramento, a presença conjunta das línguas escrita e falada torna pouco provável a extinção de um dos três termos. Mas isso não quer dizer que não aconteçam mudanças. A língua falada desenvolve um sistema com quatro termos. A sistematização dos dados mostra uma oposição binária na escrita. Embora se encontrem os três termos, *este* e *esse* não são opostos, mais variam de forma livre. Os processos já constatados no latim (Lüdtke 2000, Teyssier 1981) e no francês (Wandruszka 1969) se assemelham a algumas tendências observadas no português brasileiro contemporâneo. Seria possível comparar o uso do português brasileiro na escrita (variação entre *este* e *esse*) com aquel descrito pelo latim tardio (variação entre HIC e ISTE, Lüdtke 2000, veja 1.0.)?

	coesão textual	esse/este
	coesão extra-textual	aquele
Nichos:	mencionado último – primeiro	este - aquele
	remetente –destinatario	esta (cidade) - essa
	catáfora	este:...

Quadro 13: O uso dos demonstrativos na escrita

Por outro lado, a fala, que parece ter somente dois termos, na verdade conseguiu uma nova oposição com quatro termos, convencionalizando os termos *esse*, *esse aqui*, *esse aí* e *aquele*.

	Dentro	esse
	Lado do falante	esse aqui
	Lado do ouvinte	esse aí
	Fora	aquele
Nichos:	precisão, ênfase, contraste	este
	contato tocando	este/esse aqui

Quadro 14: O uso dos demonstrativos na fala

8. CONCLUSÃO

Todas as línguas são práticas culturais que têm um caráter histórico. Para chegar a um entendimento mais profundo dos sistemas que conduzem à escolha de certos termos, vale comparar diferentes línguas, tipologicamente vizinhas, como, por exemplo, as línguas românicas. Comparando a sistematização proposta por Carvalho (5 Quadro 11) com as hipóteses de Wilkins e Meira/Guirardello (3), o isolamento do português brasileiro não parece correto. O contraste entre a área compartilhada pelo falante e o ouvinte, em contraposição à área externa, deve ser considerado uma constante no nível universal (4.3). Outro universal é evidente na seqüência de três regiões – perto, médio e longe – enquanto o falante e o ouvinte compartilham uma perspectiva panorâmica (4.1). A pesquisa que concebe a conversa como uma interação entre duas ou mais pessoas tem que interpretar a origem (ORIGO) em sentido de Bühler não como egocêntrica, mas diádica, isto é, como um espaço fundado pelo falante e o ouvinte ao mesmo tempo.

Em seguida, o leitor pôde ver a importante proposta de Cavalcante (6), que fala da gradação de diferentes espécies de palavras dêiticas. Seu estudo fornece, ao mesmo tempo, dados de escrita, contrapostos a dados de fala (7). Ela define seqüencialmente o artigo definido, o pronome demonstrativo e o advérbio de lugar. Aplicando essa gradação podem-se entender as mudanças acontecidas no distante processo de estruturação e reestruturação do sistema dos pronomes demonstrativos, desde o latim clássico ao latim tardio, do português europeu ao português brasileiro (2, 5, 6). Os processos de empobrecimento e de enriquecimento entre o latim e o francês, e entre o português europeu e o português brasileiro, embora se assemelhem, manifestam características próprias (Quadro 9). O velho costume de agrupar os pronomes demonstrativos paralelamente às pessoas gramaticais tem raízes na gramática latina. Tal processo, entretanto, carece de sentido no uso moderno. A interpretação dos dados leva a dois paradigmas: um da fala outro da escrita. O mais rico é o paradigma da fala, porque essa variedade usa mais demonstrativos e dêiticos em geral (Quadro 15).

O que apresentamos tem caráter processual e está baseado em uma análise qualitativa de relativamente poucos dados. Para aprofundar os resultados, seria desejável desenvolver outras pesquisas, adicionando mais dados, de modo a realizar análise quantitativas e, assim, descrever mais cuidadosamente o uso na fala e na escrita, aprofundando nossos conhecimentos sobre a distribuição dos pronomes demonstrativos entre as diferentes manifestações da fala e da escrita.

Agradeço a Jânia Ramos pelas sugestões valiosas que melhoraram esta contribuição consideravelmente; a Marta Scherre pelo estímulo constante e a Paula Gonçalves-Mair pela leitura final. Todas as faltas restantes são de minha responsabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bechara, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37^a ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- Bühler, K. *Sprachtheorie*. Stuttgart: G. Fischer, 1934/1965/1982. Trad. J. Mariás: *Teoría del lenguaje*, Madrid: Alianza, 1950/1961/1967/1979/1985. Trad. D. F. Goodwin: *Theory of language*, Amsterdam: Benjamins, 1990.
- Câmara Jr., J. M. Uma evolução em marcha: a relação entre êste e êsse. In: E. Coseriu / W.-D. Stempel (orgs.) *Sprache und Geschichte*. Festschrift für Harri Meier. München: Fink, 1971, pp. 327-331.
- Carvalho, J. G. H. de. Systems of deictics in Portuguese. In: J. Schmidt-Radefeld, (org.) *Readings in Portuguese linguistics*. Amsterdã: Benjamins, 1976, pp. 245-266.
- Castilho, A. T. de. Os demonstrativos no português falado. In: A. T. de Castilho (org.) *Gramática do português falado, vol. III, As abordagens*. Campinas: Unicamp, 1993, pp. 119-148.
- Cavalcante, M. M. O uso dos pronomes demonstrativos no Português Brasileiro, em prep.
- _____. Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos deíticos discursivos. Recife, UFPE, 2000, tese de doutorado.
- Cheshire, J. That jacksprat: An interactional perspective on English *that*. *Journal of Pragmatics*, 25: 369-393, 1996.

_____. Involvement in 'standard' and 'nonstandard' English. In: J. Cheshire & D. Stein (orgs.): *Taming the vernacular*. Harlow: Longman, 1997, pp. 68-82.

Coseriu, E. Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística de hablar. *Romanistisches Jahrbuch*, VII: 29-54 1955/1956. Trad. in: E. Coseriu, *Sprachtheorie und allgemeine Sprachwissenschaft*. München: Fink, 1975, pp. 253-291.

_____. *Textlinguistik*. Tübingen: Narr, 1980.

_____. Die Ebenen des sprachlichen Wissens. Der Ort des 'Korrekten' in der Bewertungsskala des Gesprochenen. In: J. Albrecht, J. Lüdtke & H. Thun (orgs.) *Energie und Ergon*. Vol. I. Tübingen: Niemeyer, 1988, pp. 327-364.

De Kock, J. Este, ese y aquel en el español escrito. In: P. Peira, P. Jauralde & J. S. L. Urrutia (orgs.) Homenaje a Alonso Zamora Vicente. Vol. I: Historia de la lengua. *El español contemporáneo*. Madrid: Castalia, 1988, pp. 411-424.

Diessel, H. *Demonstratives*. Form, function and grammaticalization. Amsterdam: Benjamins, 1999.

Fillmore, C. J. How to know whether you're coming or going. In: G. Rauh (org.) *Essays on deixis*. Tübingen: Narr, 1983, 219-277.

Hottenroth, P. The system of local deixis in Spanish. In: J. Weissenborn & W. Klein (orgs.) *Here and there*. Cross-linguistics studies on deixis and demonstration. Amsterdam: Benjamins, 1982, pp.133-153.

Huerta, E. La mostración y lo consabido. In: G. C. Herrera (org.) *Lengua, literatura, folklore*. Chile: Universidad de Chile, 1967, pp. 227-231.

Ilari, R., Franchi, C., Neves, M. H. M. & Possenti, S. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: A. T. de Castilho & M. Basílio (orgs.) *Gramática do português falado*. Vol. IV. Estudos descritivos. São Paulo (Unicamp), 1996, pp. 79-166.

Jungbluth, K. *Die Tradition der Familienbücher*. Das Katalanische während der Decadència. Tübingen: Niemeyer, 1996.

_____. O uso dos pronomes demonstrativos em textos semi-orais: o caso dos folhetos nordestinos do Brasil. In: S. Große & K. Zimmermann (orgs.) *'Substandard' e mudança no português do Brasil*. Frankfurt a.M.: TFM, 1998, pp. 329-355.

_____. & Reich, U. *Corpus BRATOLI*: <http://www.sfb441.uni-tuebingen.de>

_____. Binary and ternary deictic systems in speech and writing. *Philologie am Netz* 15, 2001, pp. 1-24, <http://www.fu-berlin.de/phin/phin15/p15t1.htm>

_____. Der Gebrauch der Deiktika in alltäglichen Handlungszusammenhängen. Bericht einer feldstudie aus der Provinz Toledo. *LiLi* 125, 2002, pp. 56-78.

_____. Deictics in the conversational dyad. Findings in Spanish and some cross-linguistic outlines. In: F. Lenz. (org.) *Deictic conceptualization of space, time and person*. Amsterdã: Benjamins, 2003, pp. 13-40. (Pragmatics and Beyond New Series)

_____. (no prelo). Pragmatik der Demonstrativpronomina in den iberoromanischen Sprachen Tübingen (Habilitationsschrift 2001). Tübingen: Niemeyer.

Koch, P. Diskurstraditionen. Zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: B. Frank, T. Haye & D. Tophinke (orgs.) *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997, pp. 43-79.

Langacker, R. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. 1. Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford Univ. Press, 1997.

Lausberg, H. *Romanische Sprachwissenschaft*. Band III: Formenlehre, Berlin: de Gruyter, 1972.

Lavric, E. Aquellos misteriosos demostrativos pospuestos. In: P. Cichon, F. Hassauer, G. Kremnitz & P. Martinez (orgs.) *Actas de las Primeras Jornadas de Hispanistas en Austria, Viena*. 19-20 de mayo de 1995. Wien: Praesens, 1996, pp. 106-113.

_____. 'Ese reino movable' – Spanische, französische und deutsche Demonstrativa. In: G. Wotjak (org.) *Studien zum romanisch-deutschen und innerromanischen Sprachvergleich*. Akten der III Internationalen Arbeitstagung zum romanisch-deutschen Sprachvergleich (Leipzig, 9.10.-11.10.1995), Frankfurt a.M.: Peter Lang, 1997, pp. 515-543.

Levinson, S. *Presumptive meanings*. Cambridge: MIT Press, 2000.

Lüdtke, H. Kleine Beiträge zur portugiesischen Sprachgeschichte. In: G. Klettke, A. C. Franco & G. Hammermüller (orgs.) *Ästhetik der Texte – Varietät von Sprache. Beiträge zu Paul Valéry und zur Romanischen Philologie*. Festschrift für Jürgen Schmidt-Radefeldt zum 60. Geburtstag, Tübingen: Narr, 2000, pp. 211-223.

Marcuschi, L., Gêneros textuais. O que são e como se constituem, UFPE, mimeo, 2000.

- _____. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez, 2001.
- Martelotta, M. E. & Regô, L. Grammaticalização de lá. In: M. E. Martelotta, S. J. Votre & M. M. Cezario (orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, pp. 237-250.
- Meira, S. & Guirardello, R. Non-contrastive exophoric use of demonstratives in spoken Brazilian Portuguese. Nijmegen: MPI, em prep.
- Melchers, G. This, that, yon: on three-dimensional deictic systems. In: J. Cheshire & D. Stein (orgs.) *Taming the vernacular*. Londres: Longman, 1997, pp. 83-92.
- Oesterreicher, W. Pragmática del discurso oral. In: W. B. Berg & M. K. Schäffauer (orgs.) *Oralidad y argentinidad*. Estudios sobre la función del lenguaje hablado en la literatura argentina. Tübingen: Narr, 1997, pp. 93-105.
- _____. Zur Fundierung von Diskurstraditionen. In: B. Frank, T. Haye & D. Tophinke (orgs.) *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997, pp. 9-41.
- _____. La 'recontextualización' de los géneros medievales como tarea hermenéutica. In: D. Jacob & J. Kabatek (orgs.) *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica*. Frankfurt a. M./Madrid: Vervuert, 2001, pp. 199-231.
- Raible, W. Nominale spezifikatoren ('Artikel') in der tradition lateinischer Juristen oder Vom Nutzen einer ganzheitlichen sprachbetrachtung für die Sprachgeschichte. *Romanistisches Jahrbuch*, 36, 1985, pp. 44-67.
- _____. *Medienwechsel*. Erträge aus zwölf Jahren Forschung zum Thema "Mündlichkeit und Schriftlichkeit". Tübingen: Narr, 1998.
- Schlieben-Lange, B. *Linguistische Pragmatik*. Stuttgart: Kohlhammer, 1975. Trad. (E. Bombín) *Pragmática lingüística*. Madrid: Gredos, 1987.
- _____. *Traditionen des Sprechens*. Elemente einer pragmatischen Sprachgeschichts-schreibung. Stuttgart: Kohlhammer. Trad. F. Taralho, I. G. V. Koch, M. A. B. de Mattos, M. J. R. F. Coracini, N. P. Omena, P. R. Ottoni, R. M. Nery, U. Bärnert-Fürst, V. Kahrsch (orgs.) *História do falar e história da lingüística*. São Paulo: Unicamp, 1993.
- _____. Normen des Sprechens, der Sprache und der Texte. In: W. Bahner et al. (orgs.) *Proceedings of the Fourteenth International Congress of Linguistics*, 3 vols. Berlin: de Gruyter, vol. I, 1990, pp. 114-124.

_____. Mudança e variação linguística. *In: Atas do I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística*. Salvador, 1996, pp. 63-70.

Selig, M. *Die Entwicklung der Nominaldeterminanten im Spätlatein*. Tübingen: Narr, 1992.

Sternberg, M. World, language and convention. *In: G. Rauh (org.) Essays on deixis*. (Tübinger Beiträge zur Linguistik 188) Tübingen: Narr, 1983, pp. 277-316.

Teysnier, P. *Manuel de langue portugaise*. Paris: Klincksieck, 1976.

_____. Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIVe, XVe et XVIe siècles. *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, 6: 5-39, 1981.

Wandruszka, M. *Sprachen*. Vergleichbar und Unvergleichlich. München: Piper, 1969.

Wilkins, D. Manual for the 1999 field season, Version 1.0. Nijmegen: Language and Cognition Group of the Max Planck Institute für Psycholinguistics, mimeo.

_____. Spatial deixis in arrernte speech and gesture, 1999 www.lili.uni-bielefeld.de/~deixis/reader

_____. Why pointing with the index finger is not a universal (in socio-cultural and semiotic terms). *In: S. Kita (org.) Pointing*. Where language, cognition and culture meets. Em prep.

Wunderli, P. Variations structurales de la deixis personnelle. *In: R. van Deyck (org.) Diachronie et variation linguistique*. La deixis temporelle, spatiale et personnelle. Gent, 1995, pp. 15-39. (Communication & Cognition)

Corpora Consultados

BRATOLI ► Corpus da fala embragada com accão. Dados do espanhol europeu, espanhol americano e português brasileiro, BRASil- TOledo - LIma (em prep.) <http://www.sfb441.uni-tuebingen.de>

NELFE ► Núcleo de Estudos Lingüísticos de Fala e Escrita: *Corpus* de gêneros textuais; ver L. Marcuschi. Língua falada e língua escrita no português brasileiro: distinções equivocadas e aspectos descuidados. *In: S. Große/K. Zimmermann (orgs.) O português brasileiro*. Pesquisa e projetos, 2000, pp. 11-57.

NURC ► Norma Urbana Culta: Norma Lingüística Oral Culta das Cinco Principais Capitais Brasileiras. <http://www.lettras.ufrj.br/nurc.rj>; ver A. de Castilho (1998) Língua falada e processos gramaticais. In: S. Große/K. Zimmermann (orgs.) « Substandard » e mudança no português do Brasil. Frankfurt a.M.: TFM, pp. 37-72.

PEUL ► Programa de Estudos do Uso da Língua. Ver M. da C. Paiva (org.) *Amostras do português no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.